

Apresentação

Fernando Villarraga Eslava

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – Brasil

Teresa Cabañas M.

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – Brasil

A Álvaro Barros-Lémez, *in memoriam*

Em tempo de tantos discursos sobre globalização, políticas de integração regional, programas neoliberais, conflitos e guerras de civilizações, ascensão de novos e carismáticos líderes populistas, oscilações dos mercados, multiculturalismos, realidades virtuais e pós de todas as espécies, cabe ainda perguntar: qual é a verdadeira face do mundo em que vivemos e quão próximos estamos do quintal vizinho? Palavras e explicações não faltam. Porém, se se deixam de lado todos os jogos retóricos e as boas intenções, percebemos que, apesar do mundo sofrer hoje uma dura compressão de suas coordenadas espaciais e temporais -dizem que se converteu na anunciada aldeia global -, na verdade não sabemos quem mora ao nosso lado, quais são seus problemas existenciais, que gosta de fazer em suas poucas ou muitas horas livres, em que coisas acredita ou desacredita, com quais signos se nutre e veste, e, menos ainda, através de que linguagens entra em contato com seus queridos ou odiados congêneres. Com a licença nada poética diríamos pois que ao mesmo tempo em que hoje podemos estar simultaneamente em todas par-

tes ou em lugar nenhum, seguimos mantendo, não importa quão cientes sejamos de tal fato, um obstinado isolamento em relação àqueles que sempre estiveram mais próximos de nós geográfica, histórica e/ou culturalmente.

Alguns dirão que se trata de uma visão pessimista, localista, provinciana ou algo equivalente, porque os fluxos migratórios, informativos, tecnológicos, científicos, escolares ou simbólicos há um bom tempo quebraram as fronteiras em que o mundo estava dividido, o que teria colocado em contato direto e imediato os mais variados sujeitos, grupos, tribos e culturas dos antigos territórios metropolitanos e periféricos, além de garantir o tão desejado respeito pela alteridade e o reconhecimento do heterogêneo. Quiçá seja por isso que em certos contextos se entoam loas ao pluralismo sem nenhuma alusão às desigualdades. Em alguns casos, então, a idéia que se busca pôr em circulação é a de que nos integramos cada vez mais na base das diferenças e das peculiaridades idiossincráticas, tal como se poderia constatar, por exemplo, na enorme e incessante massa de eventos que se convocam para analisar, discutir e decidir propostas institucionais e públicas direcionadas para tão nobre objetivo. Prova disso, vão dizer os defensores acirrados de tal tese, é a projeção de uma série de sinais claros que anunciam o começo e a consolidação de uma outra realidade, na qual pode se observar a ação decidida de muitos corajosos para derrubar os muros que nos separavam dos vizinhos. Assim, acreditam alguns, agora podemos passear sem receios e com espírito aberto por seus quintais, estabelecer com eles diálogos atrasados, e, nada mais natural, marcar encontros para compartilhar sem preconceitos o que supostamente se tem em comum.

No caso da América Latina a situação é bem paradoxal. A começar pela própria denominação que nos agrupa como se fossemos um todo harmônico e unitário. A história é bem conhecida. Porém, muito além das diferenças linguísticas que distinguem uns e outros, o que ressalta é que, depois de muitas e muitas palavras em torno das hipotéticas e quase nunca bem esclarecidas proximidades e disjunções existentes, até hoje não sabemos bem quem é ou são nossos vizinhos, tanto do lado de cá como do lado de lá. Salvo algumas das mais evidentes expressões, paixões, habilidades ou atitudes que marcam as mau chamadas identidades nacionais, reforçadas dentro e fora pela mediação das forças midiáticas, o fato concreto é que há de modo geral uma quase absoluta ignorância sobre o que acontece nas diferentes esferas de cada sociedade, inclusive por parte de

alguns dos nossos mais ilustres intelectuais. O único agente que parece transitar a vontade pelos intrincados e misteriosos mapas que nos ligam interna e externamente é o capital, porque seus deslocamentos, tão bem estudados, são rápidos e certos. Isso não nega que em muitas ocasiões já se tentara desenvolver políticas de aproximação e (re)conhecimento, a lista é bastante longa, só que os resultados concretos seguem sendo pífios. Sobretudo nas áreas onde se espera, até pelas reiteradas propostas e burocráticos esforços de integração e cooperação, uma ação radical para superar os obstáculos que separam e dificultam olhar para o quintal vizinho.

Em tal sentido, o projeto de reunir aqui um grupo de trabalhos críticos originados em diversos contextos sobre obras e problemas de algumas literaturas hispano-americanas, cada um formulado de uma perspectiva particular e sob enfoques metodológicos diversos, responde à necessidade de contribuir de alguma maneira com a tarefa de transpor o muro invisível que nos separa do quintal vizinho. Sabemos que no meio acadêmico brasileiro se desenvolvem hoje projetos de mão dupla com instituições do outro lado das fronteiras. E que muitos professores de nossas universidades se filiam a isso que erroneamente chamam de hispanismo, quem sabe um resquício pós-colonial, em função de seu interesse por certas manifestações literárias hispano-americanas e espanholas. São sem dúvida ações salutares. Por isso, o que se propõe o número que aqui apresentamos é alimentar e ampliar o diálogo que nos últimos anos vem sendo realizado no nosso quintal com processos e sistemas literários que, muitas vezes de maneira silenciosa e pela via dos próprios escritores, estão profundamente ligados à dinâmica histórica e estética da nossa literatura desde o início de sua constituição. O caro leitor poderá ver através das abordagens feitas nos diversos artigos como vão surgindo certas questões que também aparecem registradas na pauta da crítica brasileira. Porque os desafios que se colocam para os escritores dos quintais vizinhos e as soluções que encontram são similares ou equivalentes aos que enfrentam e acham os do nosso próprio quintal.